

REVISTA MARACANAN

Nota de Pesquisa

Fragmentos de (auto)imagem: notas sobre o Fundo Yvonne Jean no Arquivo Público no Distrito Federal (1911-1981)

Fragments of (self) image: notes on the Yvonne Jean Fund in the Public Archive in the Federal District (1911-1981)

Rafael Pereira da Silva*
Universidade de Brasília, Brasil

Recebido: 26 abr. 2018.

Aprovado: 29 set. 2018.



* Pesquisador em estágio de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília, com bolsa CAPES. Doutor em História pela Universidade de Campinas, com período de estágio na Università di Roma - La Sapienza; Mestre e graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. (rapersilva@gmail.com)
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9327390996483596>.

Resumo

Yvonne Jean, nasceu em Antuérpia, em 1911. De origem judia, imigrou com a família para o Brasil em 1940. Logo nos primeiros anos após sua chegada, Yvonne se estabeleceu como jornalista na imprensa carioca. Em 1962, a convite de Darcy Ribeiro se transferiu para Brasília para trabalhar na UnB. Intelectual atuante, além de jornalista exerceu trabalhos como tradutora, arte-educadora e literata. Na imprensa destacou-se por sua coluna no *Correio Braziliense*, chamada "Esquina de Brasília". No campo político, militou no PCB, vindo a ser presa e condenada no final da década de 1960. Alguns anos após sua morte, em 1981, seu filho doou o acervo para o Arquivo Público do Distrito Federal. Na década de 1990 o material já se encontrava devidamente organizado e aberto a consulta pública. As presentes notas têm por objetivo apresentar, em linhas gerais, uma cronologia da personagem, partindo de seu próprio registro e também refletir sobre o estatuto dos acervos de pessoas para a escrita da história.

Palavras-chave: Yvonne Jean. Arquivos Pessoais. Trajetória.

Abstract

Yvonne Jean was born in Antwerp, Belgium, in 1911. She was Jewish and immigrated to Brazil in 1940. In the first years after arriving, Yvonne was established as a journalist in Rio de Janeiro. In 1962, invited by Darcy Ribeiro, she moved to Brasília to work at University of Brasília (UnB). Besides journalism, Yvonne was an active intellectual, translator, art educator and writer as well. As a journalist, she stood out by her articles in the *Correio Braziliense* newspaper, named "Esquina de Brasília" (Brasília's street corner). In the political field, she joined PCB (Brazilian Communist Party) and got arrested in the late 1960s. After her decease, in 1981, her son donated Yvonne Silberfeld collection to Federal District Public Archive. In the 1990s, the collection was organized and opened to public consultation. This article aims to present a chronology of Yvonne Silberfeld by analysing her own records and also think over the status of personal collections for the writing of history.

Keywords: Yvonne Jean. Personal Collections. Life Trajectory.

Introdução

A *escrita de si* se tornou,¹ nas últimas décadas, objeto/fonte de pesquisas nas mais diferentes áreas das Ciências Humanas. Não é de estranhar, portanto, que publicações comentadas de correspondências, diários íntimos, (auto)biografias, memórias e outros registros ordinários, ganhem cada vez mais espaço em livrarias ou acervos universitários, movimentando o mercado editorial e ao mesmo tempo aguçando a curiosidade e a imaginação de leitores leigos e pesquisadores.

Esse conjunto de documentos são em grande medida registros produzidos em âmbito privado e revelam vestígios de trajetórias de vida, de redes de sociabilidades intelectual e política de personagens importantes ou de anônimos, fornecendo subsídios para uma pluralidade temática, que envolvem histórias da vida privada, do cotidiano, das emoções, do corpo, das relações de gênero, do ensino, das práticas arquivísticas, entre tantas outras possibilidades abertas pelos campos da história cultural e literária.

Esse tipo de documentação sempre foi um de meus principais interesses de pesquisa, já que a partir desse escopo é possível não apenas imaginar e interpretar trajetórias de vida, problematizar memórias, mas sobretudo inseri-las em processos históricos singulares, num esforço de compreender uma época e os limites e possibilidades de ação de indivíduos dentro dela.

As notas que seguem tiveram início em 2016 quando, como docente substituto de Prática de Pesquisa Histórica junto ao Departamento de História da UnB, realizei com uma das turmas, visita ao Arquivo Público do Distrito Federal. Essa atividade se tornou significativa por alguns motivos, quais sejam: ela estreitou laços entre pesquisa acadêmica e essa instituição de salvaguarda documental, criando, desde então, uma cultura de visitas mais constantes; gerou entre uma boa parcela de alunos de graduação, desde o primeiro ano de curso, o hábito de pesquisa em arquivos públicos; e, por fim, em âmbito pessoal, possibilitou a elaboração de um projeto de pesquisa voltado para o aprofundamento das relações entre acervos pessoais, memória e historiografia, visando contribuir com um estudo de caso sobre a história da nova capital.

¹ Estou considerando, para esta pesquisa, a *escrita de si* como uma prática cultural de autorregistro (diários, cartas, cadernetas, memórias, currículos profissionais, etc.) de indivíduos letrados exercida em âmbito privado com a finalidade ou não de se tornarem documentos públicos *a posteriori*. Para maiores detalhes, ver, entre outros: GOMES, Ângela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004; CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Revista Patrimônio e Memória*, v. 3, n. 1, 45-62, 2007; BORGES, Vavy Pacheco. Uma mulher e suas emoções: o diário de Eugénie Leuzinger Masset (1885-1889). *Cadernos Pagu*, n. 19, 113-143, 2002; CARVALHO, Raphael Guilherme de. Tentativas de Mitologia (1979), escrita de si e memória de Sérgio Buarque de Holanda. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro (online), v. 30, n. 62, 701-720, 2017.

O corpus documental escolhido entre tantos possíveis no APDF foi o da intelectual judia belga Yvonne Jean (1911-1982), personagem desconhecida da historiografia da cidade, cujo esquecimento me levou às seguintes questões: por que alguém que deixou um amplo registro escrito e que teve ampla inserção nos meios culturais e políticos de Brasília, não integra a sua memória? Por que o seu Arquivo Pessoal, já passadas algumas décadas, continua pouco estudado?² Por fim, qual *narrativa de si* a personagem quis legar à posteridade?

De modo a sistematizar alguns resultados preliminares, o texto que segue será dividido da seguinte forma: primeiro exponho alguns marcos biográficos da titular, tomando por base seus próprios registros, em seguida, busco definir a noção de *acervos pessoais* e finalizo, de maneira exemplar, com a descrição de um dos cadernos pessoais contidos no Fundo.

Fragmentos de vida

Yvonne Jean, registrada Yvonne Silberfeld, nasceu em 20 de abril de 1911, em Antuérpia, Bélgica.³ Filha de um *marchand*, Ernest Silberfeld e de Caroline Silberfeld, era a mais velha entre os irmãos, Jacques e Roger. Os Silberfelds eram de uma família abastada do meio urbano, frequentadores de ambientes partilhados pelas camadas média e alta europeia da época, como os clubes de tênis, os teatros, os balneários litorâneos ou as casas de campo. De ascendência judia, Yvonne desembarcou no Rio de Janeiro com o pai e a madrasta, Blanche Silberfeld em 29 de agosto de 1940. Ao final daquela década já se encontrava casada com o juiz aposentado catarinense Abelardo da Fonseca, com quem teve um filho, João Luiz, nascido no Rio de Janeiro em 23 de março de 1949, ano em que se naturalizava brasileira.⁴

Histologista de formação e poliglota, ex-funcionária da multinacional Bunge, Yvonne logo se estabeleceu no mercado de trabalho. Não saberia dizer por que meios ela conseguiu um expediente no Serviço de Neurobiologia do Serviço Nacional de Doenças Mentais, órgão do Ministério da Educação e Saúde, primeiro como técnica em neuropatologia e depois como

² Além da pesquisa que realizei, financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, no ano de 2017, e agora pela CAPES, no âmbito do Programa Nacional de Pós-Doutorado, tomei contato com outras duas pesquisas que se valem da personagem e de seu acervo: uma em nível de mestrado, visa inserir Yvonne Jean no conjunto de mulheres escritoras da imprensa carioca na primeira parte do século XX, realizada por Ana Paula Teixeira no CPDOC/FGV; outra, busca um quadro biográfico mais extenso, com foco na literatura produzida pela personagem, realizada por Beatriz P. da Silva junto ao Doutorado em História da UFSC. A pesquisadora gentilmente me cedeu uma cópia de seu projeto de doutorado, e a partir de então, estabelecemos um valioso diálogo. Deste modo, muitas informações contidas nessas notas se devem a essas indicações.

³ Vale destacar que Yvonne Jean era seu pseudônimo como jornalista. Ao se casar se torna Yvonne da Fonseca. No entanto, durante o processo de naturalização, por um erro, seu nome foi registrado como Yvonne Jean da Fonseca. Para maiores informações, ver: TEIXEIRA, Ana Paula. Yvonne Jean, Brasília e a UnB (1962-1965). *Café História* - a história feita com cliques. (Site). Publicado em: 19 maio 2017. Disponível em: www.cafehistoria.com.br/yvonne-jean-brasilia-e-a-unb-1962-1965. Acesso em: 01 jun. 2017.

⁴ *Idem*.

tradutora de artigos científicos e redatora de trabalhos histológicos, funções exercidas até 1946.⁵

A princípio, uma hipótese que explicaria o rápido acesso de Yvonne às suas atividades profissionais seria o fato de ser vista não como *refugiada*, antes como uma *recém-chegada* ou *imigrante*, cujas características - branca, europeia, francófona, culta, poliglota e abastada - poderiam ser uma boa porta de entrada nos meios políticos e culturais.⁶ Recentemente, Peter Burke chamou a atenção para esses problemas semânticos ao estudar os deslocamentos de intelectuais na Europa e nas Américas entre os séculos XVI e XX.⁷

Para este autor, há uma variedade de termos que definem esses fluxos migratórios em casos específicos como as guerras, que dependem da língua, do espaço geográfico e da temporalidade. *Refugees*, por exemplo, aparece como substantivo pela primeira vez em inglês e francês no ano de 1685, ano da expulsão dos protestantes da França, após a revogação do Édito de Nantes. Em alemão, o termo *Flüchtling*, alguém que fugiu, também data do século XVII, ao passo que *Verfolgte*, que se refere a alguém procurado ou perseguido, é mais recente. Já no século XX, a expressão *displaced persons* (pessoas deslocadas) foi registrada pela primeira vez após o término da Segunda Guerra Mundial.⁸

Independente do termo, o fato relevante é que Yvonne e sua família deixaram às pressas a cidade de Antuérpia, onde residiam e tinham negócios, para se embrenhar por meses numa jornada de sobrevivência por regiões da França, Espanha, Portugal e África até que desembarcassem a salvo na Baía de Guanabara. Na capital do país é bem provável que compartilhassem com outros refugiados o trauma do deslocamento, as sensações de medo, insegurança, isolamento e nostalgia do que ficou para trás. Mas por outro lado, diferente de muitos refugiados, não enfrentaram o desemprego, a pobreza, as dificuldades com o idioma, a xenofobia e nem mesmo flertaram com o desejo de morte, a exemplo do escritor Stefan Zweig ou do historiador da ciência e filósofo Edgar Zilsel, elencados por Peter Burke ao estudar experiências análogas.⁹

⁵ Dentre as formas de *escrita de si* deixadas por Yvonne Jean encontram-se diferentes versões de seus currículos profissionais, dos quais tiramos muitas informações para este texto. Curriculum Vitae, [s.d.], Arquivo Público do Distrito Federal, Fundo Yvonne Jean (YJ-DP-1-0021 (4)d).

⁶ Essa hipótese veio à tona a partir de conversas realizadas durante o I Seminário Internacional Mulheres, Arquivos e Memórias, organizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros-IEB da USP e pelo Centro de Formação do SESC, realizado em São Paulo em março de 2017.

⁷ BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

⁸ *Ibidem*, p. 16-17.

⁹ *Ibidem*, p. 18-19. Ambos os intelectuais eram judeus austríacos que fugiram em 1938, quando a Alemanha nazista invadiu o seu país. Zweig foi parar no Brasil, Zilsel nos Estados Unidos. O primeiro, mesmo já consagrado no universo literário se suicidou ao lado da esposa na casa em que moravam em Petrópolis, no ano de 1942, enquanto Zilsel, vivendo no ostracismo e com o auxílio de uma bolsa na Universidade da Fundação Rockefeller e um cargo de professor no Mills College, na Califórnia, se matou com uma overdose de remédio para dormir, pouco depois, em 1944. Não há espaço nesse texto para tratar como maiores detalhes da imigração judaica para o Brasil. Todavia, deixo registrado algumas referências importantes para essa pesquisa: LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*: Rio de Janeiro: Imago, 1995; SCHPUN, Mônica Raísa. *Justa. Arary de Carvalho e o resgate de judeus: trocando a Alemanha nazista pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Ver, neste último, sobretudo o capítulo 1: "Do Brasil para a Alemanha: Aracy de Carvalho".

A aceitação de Yvonne na elite letrada local talvez se explique por meio de sua educação formal como mulher judia. Referências importantes como Michelle Perrot e Nancy Green registraram que o contexto de grandes migrações e perseguições, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foi decisivo para uma maior participação das mulheres no espaço público, contraponto à imagem da mulher confinada. A essas experiências se somavam as viagens educativas, o *grand tour* ou aquelas de descobertas intimistas, de exploração, as quais a intelectual não se privou em momentos de calmaria europeia. Basta uma passada de olho em seus registros para encontrarmos referências de sua formação em países como Itália, Holanda, Alemanha, Áustria, Suíça, Inglaterra, entre outros.¹⁰

Em termos formais era comum que garotas de classe alta tivessem acesso aos estudos de línguas (francês, latim, hebraico, inglês) e música, a professores particulares e a leituras orientadas por pais esclarecidos. Mas, se por um lado essa educação demasiada “decorativa” não somava esforços para a manutenção de tradições judaicas, por outro, se tornou importante para a conquista do espaço feminino no jornalismo francês do entre-guerras. Coincidência ou não, a carreira escolhida por Yvonne para fincar em definitivo suas raízes no novo país.¹¹

Concomitante ao serviço público, portanto, a escritora passou a frequentar os principais círculos do jornalismo brasileiro, obtendo espaço na redação de veículos cariocas e paulistas como o *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Estadão*, entre outros. Num exercício de memória realizado no fim da vida Yvonne lembra com entusiasmo de sua inserção no mundo das letras, que tomou impulso graças e sua insistência de juventude, em tardes de prosa na badalada livraria José Olympio:

Minhas lembranças e séries de gratidões começam na Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor. No fundo da livraria, que já não existe mais, reuniam-se escritores em torno de Graciliano – José Lins do Rego, sempre; Marques Rabelo, Osório Borba, os Condé, Jorge de Lima, Santa Rosa, José Américo, muitas vezes; e outros, ao acaso do dia. [...] Depois, na mesma livraria, o Graça sentado no “seu” banco [...], lhe mostrei meus primeiros artigos para o **Diário de Notícias**. “Isto não presta, não vale nada, é muito mal escrito, é porcaria”, exclamava! E aqui vem o motivo da [...] imensa gratidão. Porque arrasava comigo, mas dava-se ao trabalho de ler, corrigir, explicar.¹²

¹⁰ Curriculum Vitae, [s.d.], Arquivo Público do Distrito Federal, Fundo Yvonne Jean (YJ-DP-1-0021 (4)d. p. 5.

¹¹ GREEN, Nancy. A formação da mulher judia. In: PERROT, Michelle (dir.). *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 4: O século XIX. Porto: Afrontamentos, 1991, p. 257-277; e, PERROT, Michelle. *Minha história das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 135-164.

¹² JEAN, Yvonne. *Tomei chá com o Imperador da China*. Texto inédito. [s.d.], p.14. Arquivo Público DF, Fundo Yvonne Jean, YJ PI 3 A 0011. Esse texto foi provavelmente escrito em 1979, com o intuito de ser publicado. As informações para essa hipótese estão contidas no *post-scriptum*, numa passagem em que Yvonne evoca um diálogo com seu filho acerca de um livro autografado que este havia recebido de Vinícius de Moraes, nos idos de 1965, ao que na sequência emenda: “O livro [de Vinícius] foi encadernado como muita ternura e explica o desabafo, agora, decorridos quatorze anos” (p. 120). Além de Graciliano Ramos e Aníbal Machado, há recordações de convívio pessoal e de entrevistas e reportagens feitas com personalidades como: Pablo Neruda, Albert Camus, Murilo Mendes, Mário de Andrade, Flávio de Carvalho, Lasar Segall, Paulo Emílio Salles Gomes, José Vicente, Vera Janacopolus, Cecília Meirelles, entre outros.

Se o início da carreira jornalística se deu com as “negativas”, de ninguém menos que Graciliano Ramos, por outro lado, é certo afirmar que muito rapidamente suas redes de sociabilidade já haviam extrapolado a esfera dos “favores” empregatícios para se tornarem memória de vida, a exemplo de quando recorda das “domingueiras” na casa de Aníbal Machado, em Ipanema, que sempre contavam com a presença animada de figuras como Carlos Drummond, Vinícius de Moraes, Rubem Braga, Tônia Carreiro, que ainda não era atriz, além de jornalistas, estrangeiros de passagem, estudantes e artistas anônimos.¹³

Uma vez estabelecida no *petit monde*, Yvonne passou a abordar em suas crônicas e reportagens, temáticas de seu próprio interesse - arte, cultura, mulheres, cotidiano, entrevistas e educação - e ao que tudo indica, suas colunas eram bastante prestigiadas, a exemplo do que observamos em uma entrevista concedida ao “Correio da Manhã”, em 1948:

A escritora Yvonne Jean, **de tão grande público** recebe-nos em seu [...] apartamento em Copacabana, depois de vários meses de ausência. Visitou a Bélgica, França, Holanda, Dinamarca e Suécia. Reencontrando paisagens e faces amigas. Trouxe a bagagem cheia de fotografias, reportagens, notas, entrevistas.¹⁴

Além das suas colunas, Yvonne Jean também se dedicou à literatura, tendo publicado um total de seis obras entre as décadas de 40 e 50, as quais intituladas: *Contos do Mar* (1947), *Visitando escolas* (1948), *Os tucanos da floresta alegre* (1951), *Joãozinho no país das sobremesas* (1952), *200 Receitas-Relâmpago* (1953) e *Marionetes Populares* (1955).¹⁵

Em 1962, enfim, se transfere para a nova capital com a família a convite de Darcy Ribeiro, para trabalhar no Centro de Extensão Cultural da UnB, onde organizaria cursos e palestras com artistas locais e de outros estados. Do lado social tinha por hábito receber em sua casa, na W3 Sul, artistas, militantes políticos, intelectuais, a exemplo de Victor Nunes Leal, que ali encontravam um ambiente aconchegante e favorável a debates de toda a sorte, em que às opiniões políticas, artísticas ou filosóficas se entremeavam tiradas de humor e narrativas diversas, envolvendo lembranças e experiências pessoais.

Na capital Federal, além da UnB se estabeleceu no jornalismo, onde passou a escrever a coluna “Esquina de Brasília”, no *Correio Braziliense*, cujos textos ficaram marcados pelas observações do cotidiano, por suas expectativas quanto ao desenvolvimento da cidade e por reivindicações em tons otimistas. O título de sua coluna era uma alusão ao modernismo da cidade, que não possui esquinas, mas também uma referência a um lugar simbólico de

¹³ JEAN, Yvonne. *Tomei chá com... Op. cit.*, p. 18-21.

¹⁴ Uma viagem pelos teatros da França e da Bélgica. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 set. 1948, p. 13. Grifos meus.

¹⁵ As quatro primeiras obras são voltadas ao público infante-juvenil, *200 Receitas-Relâmpago* trata um pouco de suas lembranças, visto que eram pratos que a escritora preparava para amigos que frequentavam sua casa em eventos os mais variados. Por fim, *Marionetes Populares* se debruça sobre a cultura popular na Bélgica, em especial o teatro de bonecos que acontecia nos porões de edifícios da região portuária de Antuérpia, sua cidade natal. Em relação à literatura infantil, cabe registrar o interesse de minha pesquisa em desdobrar o tema, sobretudo sua relação como o mercado editorial e as práticas de leitura. Acerca do assunto, consultar: ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3.^a ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011 [1968]; LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUC-PR, 2017.

encontros, para se discutir assuntos variados, estabelecer contatos, tecer críticas, discordar dos outros, em suma, a constituição de uma esfera pública democrática.¹⁶

Entusiasta da cidade e de sua nova universidade, Yvonne vai sofrer ao lado de tantos outros colegas os impactos gerados pelo Golpe civil-militar de 1964. A brutalidade imposta pelo novo regime chegava à universidade na forma de intervenção física e simbólica. Em abril de 1964, com a justificativa de “expurgar comunistas”, os militares invadiram o campus e apreenderam livros e materiais considerados “subversivos”. Pouco depois, em outubro do ano seguinte, a invasão ocasionou a demissão e o retorno às repartições de origem de 15 professores. A resposta veio com um pedido de demissão coletiva de cerca de dois terços do corpo docente da universidade, matando, do ponto de vista simbólico, o sonho posto em prática por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Junto ao idealizador, que partiu para o exílio, se somaram figuras como Oscar Niemeyer, Athos Bulcão, Sepúlveda Pertence, Roberto Salmeron, para ficarmos em alguns.¹⁷

Yvonne continuou seus trabalhos na UnB, mas agora fora do Centro de Extensão Cultural, desativado pelo reitor Laerte Ramos. Passou a fazer traduções e interpretação simultânea em conferências importantes, a exemplo de uma do presidente francês Charles de Gaulle, em 1964. Em suas colunas, o entusiasmo dos primeiros anos já começava a dar sinais de esgotamento. Em 1970, por exemplo, ela expressava a sua insatisfação pela falta de grupos de teatro na cidade e pela escassez de visitas de grupos de fora, pelo fechamento de galerias de arte, reclamando que nenhum artista brasileiro havia sido convidado para a Bienal de Arte de São Paulo daquele ano.

Em abril de 1971 Yvonne Jean encerra sua coluna no Correio e não retorna mais às suas atividades diárias na imprensa. O motivo? Foi processada pelo Tribunal Superior Militar e condenada, acusada de envolvimento em “práticas subversivas”. Constavam contra si viagens à União Soviética e à China, o empréstimo de seu sítio na região do Gama-DF para reuniões e treinamento de guerrilha do Partido Comunista Brasileiro-PCB e a utilização de um “nome de guerra”, Alba, criado para participar da IV Conferência Metropolitana do PCB. Após recursos, protocolados pelo seu advogado, o futuro ministro Sepúlveda Pertence, sua condenação é confirmada em 1972. A pena? 12 meses de prisão convertida em prisão domiciliar devido ao seu frágil estado de saúde.¹⁸

Na última fase da vida, Yvonne continuou a trabalhar como tradutora e intérprete sem, no entanto, deixar de lado a literatura. Até onde pude verificar em seus registros, são expressivos no período, a compilação de um livro de entrevistas, espécie de (auto)memória jornalística, sua identidade mais forte, a organização de um testemunho de quando esteve

¹⁶ “Esquina de Brasília” foi publicada entre janeiro de 1962 e março de 1971, exceto por um período, maio de 1962 a fevereiro de 1965, quando a coluna se chamou “O ensino dia-a-dia”.

¹⁷ Sobre esse período conturbado da história da UnB e das universidades brasileiras, ver: SALMERON, Roberto. *A Universidade interrompida: Brasília, 1964-1965*. 2.^a ed. Brasília: Ed. UnB, 2007; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

¹⁸ SUPERIOR Tribunal Militar, Ação Penal 06/70. Disponível em: <http://bnmdigital.mpf.mp.br/sumarios/100/016.html#T2>.

presa pela primeira vez em 1964 e as traduções de *O Antigo Regime e a Revolução*, de Alexis de Tocqueville e *O ópio dos intelectuais*, de Raymond Aron, ambos para a editora da UnB. Yvonne faleceu, já viúva, em 24 de março de 1981.

O Fundo Yvonne Jean

O papelório de Yvonne Jean da Fonseca se encontra localizado no Arquivo Público do Distrito Federal e forma com outros sete conjuntos pessoais a divisão de Fundos Privados da instituição.¹⁹ A presente coleção de documentos produzidos e acumulados pela titular possui um recorte que vai de 1914 a 1981, e foi recolhida ao Arquivo Público em agosto de 1987, sem que sofresse qualquer tipo de avaliação prévia, tratando-se, portanto, de um fundo fechado. Em 1988, João Luiz da Fonseca, herdeiro do acervo, firmou um contrato de prestação de serviços com dois estagiários de biblioteconomia, para que fosse efetuada a organização do material, doada ao arquivo em definitivo no ano seguinte.

Em termos materiais, o Fundo comporta 3,79 metros lineares de documentação textual, 504 ampliações fotográficas, 18 negativos, 11 cópias-contato e 6 diapositivos. A organização do papelório se deu com base na experiência do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil-CPDOC da Fundação Getúlio Vargas-FGV e hoje, o Fundo se encontra devidamente aberto à consulta pública sem restrições. Seu quadro de arranjo estabelece seis séries documentais, a saber: Produção Intelectual (artigos de revistas, livros, traduções, transcrições, cursos e seminários), Correspondências (cartas e telegramas, memorandos, ofícios e comunicados, bilhetes, cartões, convites e postais), Documentos Pessoais (currículos, identificações, agendas, diários e notas de trabalho, dossiê UnB e dossiê Abelardo da Fonseca), Periódicos (artigos de jornais e revistas), Fotografias (família, viagens, amigos, artesanato, jardins, nu feminino, folclore, Brasília, paisagens) e Iconográficos (impressos de postais, pinturas e gravuras).²⁰

Em linhas gerais, o acervo é composto por documentos que refletem as atividades intelectuais da titular, como jornalista, docente, tradutora, intérprete e escritora, bem como de outras personalidades com quem conviveu, abrangendo também assuntos políticos, sociais e culturais de diferentes cidades em que viveu ou esteve a trabalho ou lazer. Também é possível observar aspectos de sua vida pessoal, da família e amigos, de sua condição feminina, constituindo-se numa importante fonte de estudos sobre a história brasileira do pós-guerra e sobretudo das manifestações culturais de Brasília em suas décadas iniciais.

¹⁹ Além de Yvonne Jean, podem ser consultados os seguintes Fundos: Juca Chaves (1940-1964); Brasília Palace Hotel (1951-1978); Manuel Mendes (1958); Ecilda Ramos (1951-1996); Paulo de Tarso (1943-1995); Gladson da Rocha (1971-1992) e Ernesto Silva (1914-2013). Para maiores detalhes, ver: *Guia do Arquivo Público do Distrito Federal*. Brasília: APDF, 2015.

²⁰ *Inventário do Fundo Yvonne Jean/Arquivo Público do Distrito Federal*. Brasília: APDF, 1998. Vale ressaltar que o acervo está em excelente estado de conservação e se encontra digitalizado, com exceção da série de fotografias. Não é necessário um deslocamento até Brasília para ter um primeiro contato com o Fundo e o acesso pode ser solicitado diretamente com a instituição.

Antes de me ater a um documento específico do Fundo, é importante ter em mente o que se entende por "arquivo pessoal". A expressão por si só é complicada, visto que alguns estudiosos do tema praticamente se valem de um mesmo conceito, mas com terminologias diferentes. Vejamos. Laurent Vidal, por exemplo, utiliza a expressão "acervos pessoais". Para esse autor, estes se distinguem dos "arquivos privados", que podem revelar uma instituição, e, também, dos "acervos familiares", que supõe geralmente uma transmissão entre várias gerações. Entretanto, uma característica fundamental é que seu alcance cronológico não ultrapassa a vida do indivíduo que o constitui.²¹

Para Ana Maria Camargo, no entanto, o mais correto seria dizer "arquivos de pessoas" (desta ou daquela pessoa, tratada individualmente) ou de categorias ocupacionais (de estadistas, de literatos, de cientistas etc.). Segundo Camargo, ressalvas a essa terminologia não podem passar despercebidas, visto que nem tudo que é conservado num arquivo pessoal tem ligação com a atividade que justificou seu ingresso na instituição de custódia. A esse respeito a autora vai além, e discute a questão da atribuição de valores, visto que é mais comum a salvaguarda de documentos de pessoas que alcançaram notoriedade em seus campos específicos de atividade pública.²²

Esse ponto é importante porque muitas vezes o prestígio do titular é que determina a possibilidade de estender a documentação, de modo a abarcar livros, objetos, móveis e, no limite, até mesmo espaços edificadas. Quando do contrário, no caso de vidas ordinárias, as políticas institucionais tendem a estreitar essas fronteiras, seja retirando dos arquivos, para fins de preservação, apenas as espécies que supostamente atendem aos seus interesses de pesquisa, seja substituindo-os por relatos obtidos por meio da história oral.²³

Por mais que se admita o arquivo como somatória de elementos articulados e indissociáveis, as iniciativas habituais de preservação gravitam em torno da obra de seu titular. Daí, segundo Camargo, parecer natural que os demais documentos do arquivo a acompanhem, em seu destino final, e que donatários e doadores privilegiem certos núcleos documentais em detrimento de outros, numa visão hierarquizada de sua importância.²⁴

Nesse sentido, em relação ao conjunto que vai ser incorporado a uma instituição de salvaguarda é válida a noção de fronteira, esboçada por Letícia Nedel e com a qual concordo. Para essa historiadora, no trajeto que vai da intimidade do lar ao espaço regrado das instituições, as contingências que interferem na configuração final dos acervos se multiplicam. Submetidos aos processos sociais de autenticação, que lhe conferem o estatuto patrimonial necessário à custódia institucional, os arquivos transcendem as intenções probatórias ou

²¹ VIDAL, Laurent. Acervos Pessoais e memória coletiva: alguns elementos de reflexão. *Patrimônio e Memória*, Assis, v. 3, n. 1, maio 2007, p. 6.

²² CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, 26-39, jul./dez. 2009.

²³ *Ibidem*, p. 29.

²⁴ *Idem*.

monumentalizantes de produtores e/ou donatários, e adquirem funções e feições inauditas.²⁵ Com isso em vista, por exemplo, os pesquisadores podem evitar a inocência de achar que os papéis acumulados em arquivos constituem um repositório natural de provas, um acesso à realidade da vida de seus personagens.²⁶ Daí a importância de perceber o arquivo como metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder; como um constructo político que controla a informação, orientando a lembrança e o esquecimento. Em outras palavras, como a lei do que pode ser dito.²⁷

Na mesma linha, Luciana Heymann postula a noção de “olhar antropológico” sobre os arquivos pessoais, propondo que o investigador desloque a atenção dos documentos para os processos de constituição desses acervos. Por esse ângulo, além dos gestos individuais de seleção e guarda dos registros, devem ser considerados os contextos nos quais os conjuntos documentais se inserem: contextos sócio-históricos mais amplos, de uma parte, e contextos arquivísticos nos quais são preservados, tratados e disponibilizados, de outro.²⁸

Do ponto de vista teórico-metodológico considero as afirmações expostas pertinentes, tendo em vista a possibilidade de observarmos com certa crítica os elementos acima elencados. Inicialmente, o *corpus* documental do acervo não ultrapassa o ciclo de vida de sua titular, preservando aspectos de sua memória profissional, sobretudo no jornalismo, e de sua memória afetiva, onde são visíveis os laços familiares e as redes de amizade, tanto no Brasil quanto no exterior.

Outro ponto importante é o fato de o material inventariado estar longe de constituir a totalidade do que foi produzido e guardado por Yvonne nos diferentes momentos de sua vida. É muito provável que, do percurso de casa para o espaço público muita coisa tenha sido “deixada para trás”, a exemplo de sua biblioteca, de sua coleção de artes visuais, esculturas e peças de artesanato, como é apontado em alguns depoimentos orais da época de constituição do Fundo. Essa constatação é relevante porque define aquilo já exposto por Ana Maria Camargo sobre a possibilidade de o acervo pessoal abarcar outras materialidades a depender do grau de importância de seu titular.

No caso de Yvonne Jean há um paradoxo. Como se sabe, ela foi uma intelectual pública, autora de livros e presença constante na imprensa carioca, paulista e mais tarde da nova capital. Possuía uma rede de sociabilidade que ia do mundo das letras às representações diplomáticas e mesmo assim faleceu praticamente no anonimato. Prato cheio para os historiadores de hoje, que atentos a essas questões de arquivo podem se debruçar nele e arriscar formas de interpretação sem a preocupação de lidar com memórias cristalizadas.

²⁵ NEDEL, Letícia Borges. Da sala de jantar à sala de consultas: o Arquivo Pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Jöelle; HEYMANN, Luciana Quillet (orgs.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2013.

²⁶ *Ibidem*, p. 140-141.

²⁷ Sobre a discussão dos arquivos no campo das Ciências Humanas, ver, entre outros: DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001; e, FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²⁸ HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2012.

Numa pequena mostra daquilo que deixou, encontramos muitos documentos produzidos na intimidade, como as correspondências, diários, cartões-postais, agendas de trabalho, álbuns de família, etc. Até o encerramento deste texto, não pude cotejar com a calma que gostaria o conjunto dessa extensa documentação, mas de todo modo, alguns registros serão explorados numa segunda etapa desta pesquisa.

Um desses documentos, posso destacar, é um diário ou caderno de guerra escrito em francês, com letra corrida e relativamente organizado, por dias e meses, cobrindo um período que inicia em maio de 1940 e se estende até 1941, época da chegada de Yvonne ao Brasil depois de longo périplo. Em processo de tradução e organização de notas visando futura publicação, é possível acompanhar nesse manuscrito, o cotidiano da autora em seu ambiente de trabalho na empresa holandesa Bunge ou as suas expectativas de um fim de semana prolongado em pequenas cidades belgas como Panne ou Ardennes, em que planejava “jogar tênis, dormir e banhar-se”. Práticas ligadas à burguesia ou a certas profissões liberais, essa noção de lazer, estabelecida em contraposição à disciplina industrial do trabalho, foi concebida por Alain Corbin, como “liberdade de usar o tempo e não como sequência temporal sem trabalho”.²⁹

Liberdade que também impulsionava o seu cultivo espiritual, na qual a leitura e a escrita como práticas, desde cedo incorporadas à sua educação formal, tiveram papel central nas oportunidades que se abriram a ela nos anos iniciais do exílio e depois, quando segue de fato a carreira jornalística. Assim, Yvonne descreve de maneira orgulhosa o seu pequeno tesouro: “Os dias lindos estão de volta. Eu adormeço toda feliz, após ter abraçado com os olhos a minha impressionante biblioteca. Mais de dois mil livros juntados um a um, toda uma parede viva até o teto”.³⁰

Ao mesmo tempo, não deixou de documentar as tensões e as agruras de uma guerra já em curso, às vésperas da invasão nazista em território belga. Este é sem dúvida o ponto central de sua escrita, entendida a partir da noção de testemunho, no sentido de sobreviver, de ter-se passado por um evento-limite, radical, passagem que também foi um atravessar a morte que problematiza a relação entre a linguagem e o real.³¹ É no geral um tipo de texto que causa fascínio, dúvidas e tensão no leitor-pesquisador, um escrito de fronteira nem sempre clara entre o real e a ficção, que cabe aos mais atentos refletir.

Apregoando a frieza de análise é possível afirmar a respeito desse tipo de relato, que do ponto de vista do sobrevivente, o registro historiográfico é limitado e não dá conta de sua experiência. Para o historiador, ao contrário, o testemunho é apenas mais uma fonte que deve ser utilizada com rigor, corrigindo as suas falhas – típicas do processo de recordação sobretudo quando se trata da memória de vivências traumáticas. Grosso modo, a historiografia corrigiria o elemento unilateral da memória – que é a um só tempo individual e irreduzível aos conceitos

²⁹ JEAN, Yvonne. Manuscrito, Arquivo Público do Distrito Federal, Fundo Yvonne Jean. Dp. 5, cx. 22; CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 62.

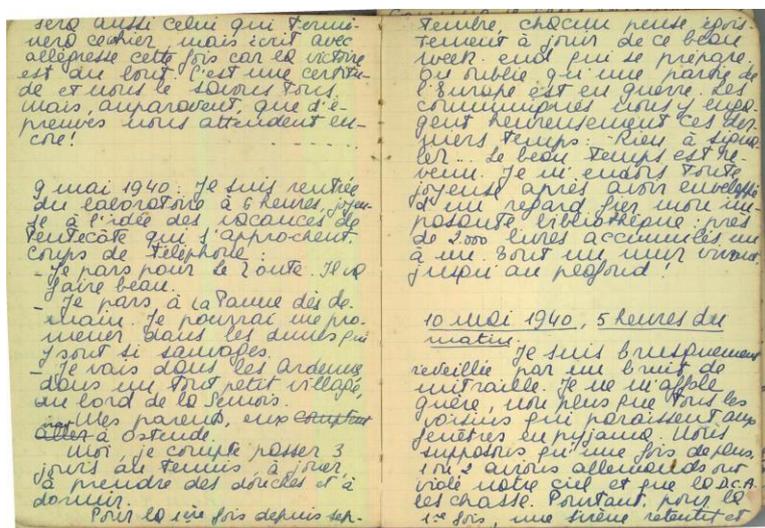
³⁰ JEAN, Yvonne. Manuscrito. *Op. cit.*

³¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2003.

e generalizações – assim como a memória refreraria a arrogância do discurso historiográfico, com sua pretensão de dar conta de todo o passado.³²

Finalmente, esse tipo de fonte, suportes de memória, são em geral, tecidos ao longo dos dias, cujo objetivo, seria o de apresar em suas páginas o passar do tempo, ainda que de forma fragmentada e sem elaboração prévia, daí os embaralhos, as idas e vindas no texto. Uma escrita, enfim, que registra o efêmero, o descontínuo e em muitos casos, o banal. Um registro que absorve em suas páginas tanto os grandes quanto os pequenos acontecimentos sem nenhuma ordem plenamente estabelecida, salvo o que lhes impõe a passagem cronológica do tempo, daí dizer-se que um diário “não existe fora da gravitação que lhe impõe o fluir do tempo”,³³ mesmo que lacunar, como visto nas sinalizações de dia/mês/ano, no testemunho de Yvonne.

Figura 1 - Fragmento do diário, Arquivo Público-DF



Fonte: Arquivo Público do DF. Fundo Yvonne Jean-YJ DP 0022 2d

Considerações finais

As notas aqui apresentadas são constituintes de uma pesquisa inicial que tinha por objetivo investigar a história de Brasília a partir da documentação produzida pela jornalista Yvonne Jean. Tinha também o propósito de valorizar o espaço do Arquivo Público, como um local privilegiado de crítica da memória e de escrita da história. Todavia, a riqueza do Fundo pesquisado me levou a um atual estágio de ampliação temática, que passará a envolver uma trama muito mais complexa, visto a personagem ter sido afetada em vida por dois momentos extremos: a Segunda Guerra Mundial e a Ditadura Civil-Militar brasileira. Daí a importância do

³² SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura...* Op.cit.

³³ CUNHA, Maria Teresa Santos. *Do baú ao arquivo...* Op. cit.

seu diário para a compreensão de um sentido mais amplo de sua trajetória, entendida como representativa de muitas outras, que como ela imigraram e sofreram a experiência do exílio.

Especificamente, em relação a Brasília, quais as possibilidades impostas por esse acervo? Muitas, com certeza, seria uma resposta por demais vaga. Mas é importante deixar claro que, se por um lado, Yvonne Jean não está inscrita em sua memória histórica, sequer nos rodapés, por outro, a história da cidade se confunde com sua própria trajetória na cidade. Chegada em 1962, Yvonne não deixou em momento algum de registrar com seu talento de cronista, o entusiasmo modernista de Niemeyer e Lucio Costa, o desenvolvimento de um pensamento nacional por meio da UnB ou as pequenas curiosidades de uma cidade em busca de identidade própria.

Nos anos finais da década de 1970, pouco antes de falecer, Yvonne se deu ao trabalho de recuperar um depoimento escrito por ela quando presa em 1964. Com a ajuda de um amigo organizou o volume para que fosse publicado com o título de *A chave*. Deixou, além de um relato de experiência na prisão, uma narrativa de força poética, na qual tratou da liberdade, da abolição do tempo, dos verbos em desuso, em suma, de um registro das sensações, de uma história do corpo, das microrrelações de poder, das subjetividades, temas que estão em desenvolvimento no atual estágio da pesquisa.

Nesses tempos sombrios pelos quais o Brasil passa novamente, com prisões arbitrárias, um amplo espetáculo midiático e a ascensão da extrema-direita ao poder, visitar alguns fragmentos desse acervo de Yvonne Jean pode ser uma boa possibilidade de juntar os fios de nossa história recente com o passado, de formular novos questionamentos e de estabelecer outros sentidos à vida de uma personagem que pode dizer muito sobre nós mesmos.